



ENTRE HELENAS

GISLENE VALE DOS SANTOS¹

RESUMO: É ponto comum e não discutível que a história da filosofia é construída majoritariamente por mãos masculinas; por isso, a importância de mostrar a contribuição do pensamento feminino silenciado por séculos. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é evidenciar aquelas que contribuíram com a formação da própria concepção de filosofia, focando na reflexão construída pelas pensadoras gregas pitagóricas. Para isso me sirvo especialmente do trabalho de Mary Ellen Waithe, *A history of women philosophers*, 1992 (1987).

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Antiguidade grega; Filósofas.

ABSTRACT: It is a common point and undeniable that the history of philosophy is built mostly by male hands; for this, the importance of showing the contribution of female thought silenced for centuries. In this sense, the aims of this article is to highlight those women that contributed to the formation of the very conception of philosophy, focusing on the reflection constructed by the greek pythagorean thinkers. For this I especially use the work of Mary Ellen Waithe, *A history of women philosophers*, 1992 (1987).

KEYWORDS: Women; Greek anciant; Women philosophers.

I.

Entre Helenas porque é importante nos identificar – nós mulheres – com aquela que outrora foi cunhada com os traços da face de uma cadela (*chýon*). Descrição masculina, de Homero, que coloca na boca da própria Helena tal caracterização ao descrevê-la na *Ilíada*.² Façamos aqui, nós mulheres, uma ode às cadelas! O cão se consagra por ser amigo do homem, um jargão positivo ao cão.³ E às cadelas, o que sobrou às cadelas? Começo este texto fazendo referência à memória de Helena porque somos herdeiras de uma tradição que subjugou e subjuga a mulher em todas as frentes nas quais esta se põe. À mulher, dantes e também agora, o *não* foi a primeira palavra dita; seja o do pai, a qualquer possibilidade de “rebeldia”, seja o do estado e das instituições, de modo geral, quando nos negam a possibilidade de sermos

¹ Professora de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: giislene@hotmail.com.

² 6.344,356.

³ Acerca deste tema, ver CREPALDI, C. L. “Entre cães e cadelas: a Helena da *Ilíada*”, 2012.

interpretadas a partir do mesmo valor com o qual a figura do masculino foi construída. É uma questão de valor, cão e cadela são, historicamente, construções sociais simbólicas que quando aplicadas, em certos contextos, a uma pessoa, não significam a mesma coisa ou têm o mesmo valor. Há um desnível valorativo que deve ser notado. O cão amigo que reconhece o seu senhor ao chegar⁴ e a cadela que traiu, fugiu e foi a causa da guerra.⁵ Que sejamos nós, mulheres, ainda a causa da guerra que busca por este valor *perdido*; uma guerra, quiçá, necessária para a reconstrução do imaginário público constitutivo de nós mesmas.

Não desejo aqui falar sobre a personagem histórica de Helena ou mesmo realizar uma abordagem de gênero, respeitando o sentido técnico do termo.⁶ Meu intento é fazer ver as tantas Helenas que foram esquecidas, apagadas, ignoradas por uma história da filosofia escrita por mãos masculinas. Para isso me sirvo, como ponto de partida, do importante e interessante material arquitetado pela pesquisadora norte-americana Mary Ellen Waithe, *A History of Women Philosophers*, 1987. A obra em questão é dividida em quatro volumes⁷, aqui, busco pensar a complexidade e os elementos da escrita de um volume específico, a saber, o intitulado *Ancient Women Philosophers*. Isto porque, enquanto professora da disciplina de Filosofia Antiga, nunca trabalhei com reflexões filosóficas de uma autora antiga com as alunas e alunos. Também em minha formação nunca fui apresentada para nenhuma delas, mantendo, até certo ponto da minha própria história, o pensamento de que Safo e Diotima teriam sido as únicas representantes do pensamento feminino. A primeira, uma das poucas, quase exclusiva no artifício da palavra, e a segunda, uma ficção platônica?⁸ Às poucas Helenas que circundavam meu imaginário gostaria de agregar as Helenas que a partir daqui caminham comigo.⁹

Nesse sentido, o que trago nestas páginas é um pouco do que fora refletido por Mary Ellen Waithe, ao seguir o curso temporal da história da filosofia, apresentando o conteúdo apagado da presença feminina, constitutivo de todos os períodos da filosofia. Não apresento, portanto, nenhuma novidade em relação ao já pensado em *A History of Women Philosophers*. Tampouco alguma reflexão extraordinária. Ficarei no ordinário do texto de Waithe que, por sua

⁴ Referência a Argos, o cão de Odisseu que o reconhece no retorno à Ítaca, na *Odisseia* de Homero.

⁵ Referência à personagem Helena nas epopeias homéricas.

⁶ Toda narrativa que se põe a pensar acerca do valor da mulher é uma narrativa de gênero. Neste texto, contudo, utilizo a palavra em seu sentido não técnico.

⁷ 1. *Ancient Women Philosophers*, 600 B.C.-500 A.D.;

2. *Medieval, Renaissance and Enlightenment Women Philosophers*, 500-1600;

3. *Modern Women Philosophers*, 1600-1900;

4. *Contemporary Women Philosophers*, 1900-today.

⁸ Ideia esta combatida por Waithe, dedicando um subcapítulo do volume *Ancient Women Philosophers – Diotima of Mantinea* – àquela que teria existido de fato enquanto mestra de Sócrates e não apenas na condição de personagem do *Banquete* platônico.

⁹ Sem deixar de notar as muitas Helenas que, hodiernamente, comigo caminham, ajudando a reconstruir o caminho.

vez, conta com um time de especialistas contemporâneas para pensar criticamente cada um dos capítulos do livro em questão. Pretendo, por tanto, fazer aparecer, na nossa língua portuguesa, alguns dos escritos das primeiras pitagóricas e de uma pitagórica tardia específica, Aesara de Lucania.

II.

Themistoclea, Arignote, Theano de Crotona, Myia e Damo. Alguém já ouviu falar destes nomes? E de Aesara de Lucania, Phintys de Esparta e Perictione? Aspasia de Mileto, Diotima de Mantinea e Hypatia talvez não nos soem tão distantes. E Julia Domna, Makrina, Arete, Asclepigenia, Axiothea, Cleobulina e Lasthenia, ouviram? Em um primeiro momento, em nossa língua, os nomes aparecem-nos na qualidade de “estranhos”, mas se nos acostumamos, quase que doutrinalmente, com Píndaro, Anacreonte, Aristófanos e Protágoras não nos será difícil acostumar com Cleobulina ou Aesara. Acostumar-se a tais nomes parece ser parte do percurso pedagógico que temos por obrigação construir. Tê-las na conta que faz soma ao cânone estabelecido por uma tradição masculina é devolver o que de nós foi e, de certo modo, ainda é retirado: a dignidade. Se a história da filosofia tem seu lugar guardado nas salas de aulas, é neste lugar que devemos, enquanto professoras e alunas,¹⁰ trabalhar e refletir acerca da questão programaticamente esquecida.

Exercitar a menina dos olhos a ver, ao lado de Pitágoras, Themistoclea e Theano, é a ação que devemos começar a desenvolver. De Pitágoras mesmo não nos sobrou nada, se algo ele escreveu. Contamos com a chamada escola pitagórica para termos notícias desse pensador; do interior da escola que se denomina a partir de seu nome, não tinham nos chegado informações acerca da presença reflexiva da mulher. O que as notícias traziam era a presença das mulheres em escritos de economia doméstica,¹¹ e, portanto, não filosóficos? O que agora percebemos é a presença não de uma tradição feminina pitagórica senão de, no mínimo, duas. A primeira composta por Theano de Crotona e suas filhas: Damo, Myia e Arignote. Ao que indicam os registros, não apenas Pitágoras teria filosofado, mas também sua esposa e filhas. A segunda por Phintys de Esparta, Aesara de Lucania, Perictione I, Perictione II e Theano II. Se é possível dizer que o pensamento pitagórico se manteve desde mais ou menos o século VI a.C

¹⁰ Uso o feminino porque este trabalho não virá de mãos masculinas, salvo algumas, talvez. Este trabalho deve ser realizado conosco e por nós.

¹¹ Cf. Whaite, M. E. *A History of Women Philosophers: Ancient Women Philosophers*. Introduction to the series, XI.

ao século IV de nossa era, é possível dizer também que a presença das mulheres neste interior histórico-filosófico deve ser reconhecida.

Entre as primeiras pitagóricas, a questão pensada aparece em diálogo com aquelas próprias à época: causa, cosmo, princípio, harmonia, unidade e multiplicidade são alguns dos temas tratados por elas. De modo geral, temas que abarcam o universo da *physis*. Se os chamados pré-socráticos, em boa parte, refletiram acerca das causas que poriam em pé o cosmos, as pré-socráticas lhe fizeram par nesta construção, como é possível observar no fragmento de Arignote:

A essência eterna do número é a causa mais afortunada de todo o céu, da terra e da região entre eles. É também a raiz da existência continuada dos deuses e *daimones*, bem como de homens divinos (Thesleff, *op. cit.*, 197-8; Hercher, *op. cit.*, 605, 61987,12 *apud* Whaite, 1992, p. 12).¹²

Neste pequeno fragmento é possível perceber a preocupação filosófica em voga. A recorrência aos números para explicar os fenômenos da natureza, a partir de sua condição: serem eternos e serem causa. Aí há uma afirmação que merece análise, pois o discurso está atento à explicação cosmológica que conecta a parte ao todo e vice-versa. Em diálogo com as questões que aparecem neste fragmento está a reflexão de Theano de Crotona:

Tenho aprendido que muitos dos gregos acreditam que Pitágoras disse que todas as coisas são geradas desde o número. A afirmação põe uma dificuldade: Como as coisas que não existem podem ser concebidas para gerar? Mas ele não disse que todas as coisas vêm a ser desde o número; ao invés disso, de acordo com o número – fundamentado no fato de que a ordem é, em um sentido primário, em número e por participação na ordem que o primeiro, o segundo e o resto da sequência são concebidos como coisas que são contadas (*On Piety*. Thesleff, Holger, "Pythagorean Texts of the Hellenistic Period," *Acta Academiae*, *apud* Waithe, 1992, p. 13).

Além da recorrência aos números para explicar como os fenômenos vêm a ser, o trecho ainda oferece a interpretação de uma suposta afirmação pitagórica. Segundo Theano, Pitágoras não teria dito que todas as coisas são geradas com os números, porque tal afirmação levanta uma dificuldade: coisas não existentes não podem ser geradas nem estão no processo de geração e corrupção. Podemos dizer que, em alguma medida, Theano já teria tocado no problema filosófico do não-ser, refletido no pensamento de Parmênides e posteriormente também no de Górgias; sem contar com aquele da geração e da corrupção, mais comumente identificado ao pensamento de Heráclito. Temos com esta pensadora, não apenas uma interpretação da filosofia de Pitágoras, mas, também, uma filosofia que aparece desde tais contornos.

¹²Todas as traduções do inglês para o português foram realizadas por mim.

A explicação de como se comportam os fenômenos em relação aos números permite que outro conceito seja delineado, o de participação. Todas as coisas que vêm a ser não o são por serem constituídas de números, mas por estarem de acordo com relações estabelecidas a partir de números. O que parece estar em jogo nesta afirmação de Theano é a relação entre todas as coisas que vêm a ser e o modo como elas estão sendo, pois dizer que as coisas são de acordo com o número, não significa dizer que elas sejam números, mas que se organizam com a mesma lógica do número; ou ainda, elas têm ordem. Theano nos concede assim uma definição para a ordem: ela é em número (*that order in the primary sense is in number*). Em um primeiro sentido – ou poderíamos ainda dizer, *em um sentido metafísico?* – a ordem é causada pelo número. Este seria o sentido mais originário da ordem.

Em um segundo sentido, pode-se dizer que a ordem se expressa em tudo que pode ser nomeado por: primeiro, segundo, terceiro, ou mesmo, um, dois, três e assim por diante, como diz o texto. Tudo o que se encontra em processo de geração e corrupção tem ordem e, por isso, o mundo aparece. O que Theano ressalta é que a ordem possibilitadora do aparecimento deriva, por participação, daquela ordem primeira, constituída de número. Por sua vez, o aparecimento não é número, mas somente vem a ser por ter, assim como o número, ordem. Diferentemente da ordem do número, que supostamente é eterna, a ordem das coisas geradas é provisória, bem como as próprias coisas geradas.

Em seu comentário ao pensamento de Theano de Crotona, Waithe apresenta outro conceito, o da imitação:

Theano está dizendo que quando nós perguntamos qual é a natureza de um objeto, podemos responder traçando uma analogia entre este objeto e algo mais, ou podemos defini-lo. De acordo com ela, Pitágoras quis expressar uma analogia entre coisas e números. Este é o conceito de imitação: coisas são *como*¹³ números. Por sua participação no universo da ordem e da harmonia, um objeto, corpóreo ou não, pode ser sequenciado como todos os outros objetos e pode ser contado. Coisas podem ser contadas de acordo com o número, que tem o sentido primeiro de ordenar (1992, p.13).

A participação aparece como conceito central nesta explicação de como o devir se torna possível. Como essa participação ocorre? Por imitação. Não entrarei aqui no mérito desta explicação ou mesmo no seu desenvolvimento. Mas chamo a atenção para a importância da reflexão proposta. Tais conceitos – imitação e participação – são centrais principalmente no pensamento tardio de Platão.

Com isso, ousou dizer que Theano de Crotona, *avant les hommes*, nomeadamente cito Parmênides, Górgias e Platão, refletiu acerca dos problemas filosóficos articulados em seu

¹³ Itálico meu para diferenciar o *like* do *as*. Ambos traduzidos pela palavra portuguesa *como*. O texto em inglês traz *like*.

tempo, sugerindo possibilidades ontometodológicas. Problemas estes que extrapolaram sua dimensão histórica; seja acerca da natureza do número, do mundo ou do humano, havia, sim, uma mulher aí pensando. Mesmo sendo, as mulheres, reprimidas por uma cultura que não lhes concedeu cidadania. No ultraje ao modo de ser vigente, houve o contributo de mulheres que pensaram no todo, na parte, em seus cruzamentos teóricos e, no mínimo, em suas consequências políticas e éticas. Teria afirmado Theano que: “Melhor estar sobre um cavalo em fuga que ser uma mulher que não reflete” (Stobaeus (Meineke) *Florilegium*, 268, *Apud Waithe*, 1992, p. 15).

A força de tal sentença parece ter irradiado a educação oferecida às filhas de Theano e Pitágoras, como podemos perceber em uma carta de Myia endereçada à Phyllis, tendo como assunto principal, a criação de um recém-nascido. Para dar razão de ser a esta educação, Myia recorre a um dos conceitos do pensamento que foi caracterizado pela alcunha de pitagórico: a harmonia. Antes de entrar diretamente na carta de Myia, gostaria de fazer aqui duas pontuações: 1) A carta, ao ser lida, hodiernamente, pode causar um susto moral a algumas de nós, tendo em vista seu conteúdo, para outras de nós, a carta é muito correta. Gostaria de frisar que o mais importante, para o propósito deste texto, é que o conteúdo analisado não é, em um primeiro momento, o conteúdo moral da carta, mas o método no qual esse conteúdo está envolto.¹⁴ Em um segundo momento, passo para a análise do conteúdo. 2) No livro de Waithe, se nota uma estratégia interessante de análise: a recorrência às pitagóricas tardias para interpretar a carta de Myia para Phyllis. Interessa, aqui, saber o lugar teórico a partir do qual Waithe lança luz à interpretação do pensamento das primeiras pitagóricas: a reflexão das pitagóricas tardias. Segundo Bréhier (2005, p. 42-45), esta é uma estratégia normal entre os pitagóricos, uma vez que os textos, em parte significativa, estão nos trabalhos dos pensadores tardios. Waithe, contudo, busca pelas pitagóricas tardias e não por qualquer pitagórico.

Antes de entrar no texto de Myia ainda vale notar o comentário de Waithe a respeito do lugar teórico da reflexão das pitagóricas:

As primeiras pitagóricas viram o cosmos ou universo como ordenado e harmônico. Tudo tem uma relação matemática particular com tudo o mais. Harmonia e ordem existem quando as coisas estão em relações adequadas entre si. Esta relação pode ser expressa como uma proporção matemática. (1992, p.12)

É desde tais propriedades que o pensamento de Myia deve ser analisado; tais propriedades parecem, em um primeiro momento, se encerrar em uma descrição cosmológica

¹⁴ Para os fins a que este artigo se propõe não trabalharei o conteúdo; o que não quer dizer que este não tenha valor filosófico. Muito pelo contrário, o conteúdo da carta permite vislumbrar uma concepção ética e estética de um modo de ser, seja o da mãe, o da criança, o da ama, o do ambiente educacional e o da casa que se espelha na cidade e no cosmos.

ou mesmo epistemológica. É importante, entretanto, identificar e pensar acerca de suas consequências éticas e políticas. Estas contrapartes teóricas formam, no pensamento das pitagóricas, um *ethos* que, se, por um lado, tem frutos reflexivos, por outro, tem no misticismo, também, a sua razão de ser, sem que os termos misticismo e reflexivo sejam antagônicos; pelo contrário, eles se realizam em uma complementaridade tal que um não se expressa sem o outro, e juntos descrevem um modo de ser político, social por excelência.

É por meio de uma carta que o *logos* toma acento no pensamento de Myia; o que significa que ela conheceu as letras em um período da História no qual nem todas as pessoas podiam ter acesso, quanto mais sendo ela mulher. Trata-se de uma carta que Myia oferece à amiga que acabou de ser mãe:

De Myia para Phyllis: Saudações. Pelo fato de você ter se tornado mãe, eu te ofereço este conselho. Escolha uma ama que seja bem disposta e limpa, uma que seja modesta e não se dê a dormir ou beber excessivamente. Tal mulher estará melhor preparada para julgar como educar seu filho de modo apropriado ao momento do nascimento dele – desde que, obviamente, ela tenha leite suficiente para amamentar a criança, e não seja convencida pelo marido ao entretenimento que acontece na cama. Uma ama tem grande responsabilidade nesta que é a primeira e a parte preparatória para toda a vida da criança, ou seja, nutrir com o objetivo de bem criar a criança. Por isso ela fará todas as coisas bem feitas, no tempo apropriado. Deixe que ela dê o peito e amamente não no calor do momento, mas de acordo com o devido arazoamento. Assim ela guiará o bebê a uma vida com saúde. Ela não deve dormir quando ela mesma tiver vontade de dormir, mas quando o recém-nascido desejar descansar. Ela não será um pequeno conforto para a criança. Que ela não seja irascível, loquaz ou indiscriminada na alimentação, mas ordenada, temperante e – se for possível – não ser estrangeira, mas grega. É melhor colocar o recém-nascido para dormir quando ele estiver adequadamente amamentado, e então o descanso é agradável para o pequeno e a alimentação é de fácil digestão. Se houver outra alimentação, a comida deve ser dada de modo mais simples possível. Evite completamente o vinho, por causa de seus fortes efeitos, ou o adicione, com moderação, misturando ao leite noturno. Não dê banhos seguidos na criança. A prática de poucos banhos em temperatura amena é melhor. Soma-se a isto que o ar deve ter um equilíbrio adequado de calor e frio, e a casa não deve estar muito úmida ou muito fechada. A água não deve ser dura nem macia, e as roupas de cama não devem ser ásperas, mas tocar agradavelmente a pele. Em todas estas coisas a natureza anseia pelo que é apropriado, não pelo que é extravagante. Estas são as coisas que parece serem úteis a lhe escrever neste momento. É o que espero, apoiada em cuidados que seguem um plano. Com a ajuda da divindade, nós providenciaremos conselhos realizáveis e apropriados, concernentes à educação da criança, novamente, mais tarde.

A estrutura na qual a carta é escrita segue uma regra: aquela que resulta em harmonia. A harmonia tem grande importância para o ciclo pitagórico, pois é responsável por não apenas em fornecer a regra na qual algo ordenado se expressa, pensando para isso os recursos da matemática, mais especificamente, mas também, incluso a isso, a disposição musical que segue

um princípio matemático, pois uma oitava é o resultado da aplicação de uma progressão harmônica (Heath, 1921).¹⁵

As palavras do campo da matemática oferecem a tonalidade do discurso enviado à amiga, no qual conhecimento teórico e aplicação não se distanciam, mas se complementam nas ações que constituem a vida ordenada. O que Myia faz em sua carta é uma espécie de reflexão ética fundada em princípios matemáticos que resultam em harmonia; ou ainda, seu discurso é um espelho que fornece a imagem da vida boa, equilibrada, de um recém-nascido. Os conselhos apontam à temperança esperada para uma alma equilibrada, sabendo-se que a saúde do corpo e a da alma estão em uma imbricação tal que uma não se realiza sem a outra. A estrutura na qual a pensadora aconselha a amiga não é solta. Ela é a execução de um método.

O discurso expresso pela carta é ordenado por uma atividade do pensamento que apela à progressão harmônica da matemática, com fins a uma designação ética: *a escolha!* Escolha amparada por medidas resultantes de partes contrapostas. Phyllis deve escolher uma ama que respeite os critérios de uma vida harmônica. Não se dar nem a exageros nem a faltas, mas manter, consigo e com o recém-nascido, o equilíbrio desejado à boa educação do último, pois: “Tal mulher estará melhor preparada para julgar como educar seu filho de modo apropriado ao momento do nascimento dele”. A educação passa pela capacidade de bem realizar julgamentos amparados em critérios ordenadores da formação humana do indivíduo que está sob a tutela de tal capacidade. Cabe a ela desempenhar tal função, de acordo com a boa disposição psíquica daquela que é responsável por educar, já no período inicial da vida do humano recém-nascido. Esta educação se dá a partir de valores cultivados pela reflexão que se serve de princípios os quais regulam não apenas o interior da casa, mas a *physis* em sua totalidade.

Em todas estas coisas a natureza anseia pelo que é apropriado, não pelo que é extravagante. Myia, neste trecho, parece querer dizer que *apropriado* é a imagem da ordem do cosmos aplicada em todas as dimensões que constituem a *pólis* e a casa. Nesse sentido, a educação, acentuando o sentido lato do termo, não se restringe a um repasse técnico de conteúdos, antes, está comprometida com a realização do que é o próprio do humano, uma educação que ensina o bem arazoar. A ama não deve apenas ser uma ama, senão, ser a melhor ama, a mais bem preparada para assumir a tarefa, a mais apropriada. Isso por executar em si mesma os valores que cultivará o bom discernimento da criança, pois: *Uma ama tem grande*

¹⁵ E também Bréhier (2005, 44): “Autre aspect de la doctrine : les trois accords musicaux, quarte, quinte, octave, sont représentés par des rapports numériques simples, à savoir 2/1, 3/2, 4/3, et de plus on peut définir une certaine proportion, dite proportion harmonique, qui les contient tous les trois ; c’est la proportion 12 : 8 : 6, où la moyenne est inférieure au plus grand extrême, d’un tiers de cet extrême, et supérieure au plus petit, également d’un tiers de lui-même $8=12-12/3=6+6/3$.”

responsabilidade nesta que é a primeira e a parte preparatória para toda a vida da criança, ou seja, nutrir com o objetivo de bem criar a criança. Ressalto a palavra *bem* nesta citação porque ela não apenas corrobora com o que está sendo dito anteriormente na própria carta, mas também vai ao encontro da interpretação aqui apresentada, pois a criança não será apenas criada, mas bem criada.

O apropriado, no caso em questão, reúne em si, no mínimo, duas dimensões que lhe dão razão de ser: a da matemática, que oferece um método próprio de atuação do pensamento, e a da ética, que resulta da aplicação de uma regra do pensamento aos valores que vigoram na cultura da época. A justeza ou o equilíbrio destas dimensões realizaria a vida mais apropriada, não apenas à criança que é educada desde tais princípios, mas também àquela que os aplica consigo e com o outro. Por este viés, a carta respeita o próprio conselho oferecido à amiga, pois tem fim em um momento oportuno: *Estas são as coisas que parece serem úteis a lhe escrever neste momento.* Chamo a atenção ao elemento prático que aparece neste final, o útil é o que se realiza com um exercício, seja ele o do pensamento seja o da ação que, no caso do conselho de Myia para Phyllis, se realiza no bom julgamento que orienta a ação: *É o que espero, apoiada em cuidados que seguem um plano.*

Também é importante ressaltar o período do tempo em que a carta é escrita; há um programa educativo sendo pensado em um tempo oportuno para tal. Os conselhos não são aleatórios, antes, seguem um plano com vistas a uma Paideia, que pensa o todo da formação humana, começando pelos primeiros momentos de vida. Por isso, a carta termina com a indicação de que novos conselhos serão enviados: *Com a ajuda da divindade, nós providenciaremos conselhos realizáveis e apropriados, concernentes à educação da criança, novamente, mais tarde.* Com isso, Myia acentua a importância de seguir um calendário, sendo ele fruto de uma reflexão que, não apenas trata do tempo enquanto medida, mas tem no pensamento a capacidade do estabelecimento de medidas para a ação. Há um saber que é fruto da reflexão e que instaura o começo e o fim da carta: instaura ordem na ação.

Neste espírito que busca pela fundamentação da ação desde critérios justificáveis pela linguagem, postamos aqui outra filósofa. Aesara de Lucania não fez parte do ciclo das primeiras pitagóricas, mas também recebeu o mesmo adjetivo, por serem presentes em seu pensamento os princípios dessa tradição. Aesara teria vivido em algum período entre os séculos 425 a.C e 100 de nossa era. Não se tem, segundo os poucos relatos acerca de sua vida, a certeza da data. É na obra de João Estobeu que as poucas informações são encontradas. Aesara escreveu uma

obra intitulada *Acerca da natureza humana*, da qual temos apenas um rico fragmento, que segue abaixo.

Antes de adentrar ao fragmento, porém, gostaria aqui de relatar o meu espanto ao terminar a sua leitura. Um misto de êxtase e confirmação da minha própria ignorância. Isso porque não há uma só linha do fragmento de Aesara que não nos remeta ao pensamento de Platão; principalmente, mas não apenas, na reflexão que delineia o corpo teórico de *A República*. Sem saber quem escreveu primeiro, se Aesara ou Platão, fica difícil dizer quem teria sido o escultor originário do projeto anunciado nas duas obras. Se de Platão temos pencaas de diálogos, de Aesara, com muito custo, temos um fragmento. Uma hipótese é a de que Aesara foi contemporânea de Platão, o que não significa necessariamente que ela teve acesso às obras dele. Outra possibilidade é que ela viveu posteriormente, o que nos faz pensar que ela tenha escrito influenciada pelo pensamento do filósofo. Há, ainda, outra possibilidade, para fins de provocação, sem deixar de ser possibilidade: Platão ter entrado em contato com o pensamento de Aesara e ter sido por ele influenciado. Afinal, os dois – Platão e Aesara – fazem parte da mesma tradição teórica, a tradição pitagórica. Não apenas, obviamente, mas é importante notar a proximidade das ideias que os abarcam.

Segundo Aesara, em *Acerca da natureza humana*:

A natureza humana, me parece, fornece um padrão de lei e justiça, tanto para a casa como para a cidade. Seguindo as trilhas dentro de si, quem procura fará uma descoberta: a lei e a justiça internas são o arranjo ordenado da alma. Sendo ela tríplice, é organizada de acordo com três funções: a que afeta o julgamento e a consideração é [a mente] **, a que afeta a força e a habilidade é [espírito elevado],*** e a que afeta o amor e a bondade é o desejo. Estas partes estão todas tão dispostas relativamente uma a outra que a melhor parte está no comando, a mais inferior é governada, e a que está entre ocupa um lugar intermediário; ela governa e é governada. Deus, assim, inventou essas coisas de acordo com princípios, tanto no esboço como na conclusão de um lugar propriamente humano, porque ele pretendia que apenas o humano viesse a ser um receptor da lei e da justiça, e nenhum dos outros animais mortais. Uma unidade composta por associação não vem a ser de uma só coisa nem mesmo de muitas que são iguais. (Assim é necessário, visto que as coisas realizadas são diferentes, e que as partes da alma também são diferentes, bem como no caso do corpo [os órgãos do toque e]****visão, audição, paladar e olfato diferem, pois nem todos têm a mesma afinidade com todas as coisas). Nem poderia tal unidade vir de múltiplas coisas dissimilares, aleatoriamente. Mas de partes formadas de acordo com um resultado, uma organização, o encaixe de um todo composto. Não apenas a alma é composta de muitas partes dissimilares, sendo estas moldadas em conformidade com um todo que é completo, mas, além disso, esses não são arranjos caóticos e aleatórios, mas de acordo com uma atenção racional. Pois se eles tivessem uma parte igual de poder e honra, embora fossem desiguais - alguns inferiores, outros melhores, outros entre melhor e pior – a associação das partes em toda a alma não poderia ter sido ajustada. Mesmo se elas tivessem uma participação desigual, e a pior se sobressaísse à melhor, haveria grande insensatez e desordem na alma. E mesmo que a melhor tivesse maior e a pior menor participação, mas cada uma delas não na proporção adequada, não poderia haver unanimidade, amizade e justiça em toda a alma, desde que cada uma esteja organizada de acordo com a proporção adequada, este tipo de

arranjo eu afirmo ser justiça. E, de fato, uma certa unanimidade e acordo de sentimentos acompanha esse arranjo. Este tipo poderia justamente ser chamado de boa ordem, quando a melhor parte governar e a pior parte é governada, se deve adicionar a força da virtude para si mesma. Amizade, amor e bondade, cognatos e semelhantes, brotarão dessas partes. Para persuadir a mente que inspeciona de perto, o desejo ama e o espírito elevado é preenchido de força; uma vez fervilhando de ódio, torna-se amigável desejar. Tendo a mente adaptado o agradável junto com o doloroso, misturando-se também o tenso e robusto com a porção leve e relaxada da alma, cada parte é distribuída de acordo com sua preocupação semelhante e adequada para cada coisa: a mente inspeciona e acompanha de perto as coisas, o espírito elevado acrescenta impetuosidade e força ao que é inspecionado de perto, e o desejo, semelhante à afecção, adapta-se à mente, preservando o agradável como seu e renunciando ao que é pensativo para a parte pensativa da alma. Em virtude dessas coisas, a melhor vida humana, me parece, acontece sempre que o agradável estiver misturado com o que é sério e o prazer com a virtude. A mente é capaz de ajustar estas coisas para si mesma, se tornando amável através de educação e virtude sistemáticas. (Thesleff, *op.cit.*, 48-50, Stobaeus 1.49.27, p. 355 Wa.) Tradução do grego para o inglês de Vicki Lynn Harper. Tradução minha do inglês para o português. (**)*ho noos* add. Heeren. (***)*a thymosis* add. Heeren. (****)*hapsios organa kai* add. Wachsmuth.

Não é difícil notarmos a semelhança ente as propostas teóricas de Aesara e Platão, o início do fragmento é contundente na aproximação: *A natureza humana, me parece, fornece um padrão de lei e justiça, tanto para a casa como para a cidade.* Nesta pequena frase, temos a articulação de palavras que permite vislumbrar a proposta filosófica de Aesara. Delinear quais são os partícipes que dariam corpo ao que se chama por *natureza humana*; e, ainda, pensar acerca da constituição psíquica na condição de princípio a partir do qual é possível dar ordem para a casa e para a cidade. Micro e macro se relacionam na abordagem interpretativa da pensadora. Esmiuçando o comportamento da alma, a filósofa fornece os elementos intelectuais necessários para o bom arranjo das partes envolvidas.

Um aspecto desta abordagem, interessante de ser ressaltado, é aquele que versa acerca do modo como o arranjo proposto deve se realizar, uma vez que...*esses não são arranjos caóticos e aleatórios, mas de acordo com uma atenção racional*, devem ser refletidos. A *atenção racional* é o que elabora certa regra de organização, uma vez que seria a responsável por identificar o que seja uma *proporção adequada* de relação entre as “disposições” psíquicas. O arranjo proposto por Aesara segue uma regra pautada em um princípio construído pelo próprio pensamento. E como construir tal atenção adequada? Voltando ao início do fragmento: *Seguindo as trilhas dentro de si.*

Aesara não é filósofa porque utiliza das leis e regras da matemática. Ela não é uma estudiosa da matemática apenas; ela ousou se ocupar com as leis e regras da matemática como instrumento para refletir a condição humana, e a condição da cidade que se quer justa;

ampliando, assim, o escopo da investigação que começa pelas trilhas internas, mirando o cosmos, e finalizando com a necessidade da *educação e virtude sistemáticas*.

III.

Nestas últimas linhas, gostaria de dizer que identificarmos a presença da mulher no cenário dos estudos clássicos de modo geral é necessário em, no mínimo, dois sentidos. Um é o de termos representantes do pensamento feminino ocupando lugares filosóficos a serem perscrutados, reconhecendo e dando visibilidade, mesmo que retrospectivamente a tais pensamentos. É urgente a feitura deste trabalho em língua portuguesa. Em outro sentido, se faz importante dizer que houve a presença feminina na elaboração disso que hoje chamamos de Filosofia. Não quero aqui dizer que foi em um ou outro escrito específico. Mas que a presença da mulher, na qualidade de pensadora, deixa sua marca em certo espírito do tempo. Marca essa que foi paulatinamente apagada.

Todavia, nossa ação, enquanto mulheres desta época, pode funcionar como uma espécie de microscópio ultra avançado que captura as marcas das palavras de um papiro, apagadas pelo tempo. A luta pelo reconhecimento das pensadoras antigas é, em larga medida, a luta pelo reconhecimento de nós mesmas, na ocupação de um lugar do qual historicamente fomos retiradas. As consequências deste subjulgamento acerca das mulheres têm reflexos em toda a sociedade humana. Desejo, contudo, apontar, aqui, apenas uma delas, a da nossa sociedade brasileira. Tendo ciência que não é um problema que acomete somente a nós. Segundo pesquisa realizada por Carolina Araújo, intitulada *Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017*, comprova, a partir de dados técnicos que

Os dados dos cursos de graduação em filosofia, coletados a cada três anos por ocasião do ENADE, demonstram que desde o ingresso na graduação a Filosofia é uma carreira buscada majoritariamente por homens. (*Cadernos de Filosofia Alemã*, 2019, p. 16).

Quais são, podemos perguntar, as causas históricas que resultam no fenômeno descrito acima? Podemos ainda perguntar: como o pensamento filosófico reflete as consequências do fenômeno descrito acima? Foco no início do percurso universitário porque é com ele que se começa a análise em questão. Em certa medida esse momento de entrada fornece o tom da presença e ausência das mulheres nas etapas subsequentes a graduação. Mas o que as pensadoras gregas têm a ver com a descrição acima? Muito. Quando começaremos a colocar, nos livros didáticos, Aesara ao lado de Platão e Arignote, Mya e Theano ao lado de Pitágoras? Obviamente que isso não resolverá o problema do machismo estrutural que acomete a todas e todos. Poderia ser, todavia, a partir de estratégias desenvolvidas com harmonia, a partir de ações equilibradas com uma finalidade: subverter o sistema que desde há muito nos interpretou na

condição de subvertidas. Recuperar as Helenas apagadas pela Filosofia e seus filósofos é parte da tarefa que devemos realizar para encontrar a Helena que nós mesmas somos. *A history of women philosophers* é, nesse sentido, um lugar a ser visitado, nunca se esquecendo dos amargos números trazidos por Carolina Araújo. Por isso, a necessidade de retornar à imagem de Helena.

Finalizo este texto com as palavras de Waithe, uma Helena entre nós:

De que maneira as mulheres filosofaram diferentemente dos homens?/.../ _Elas estavam preocupadas com áreas específicas ou problemas de filosofia, os quais os homens demonstravam pouco interesse? A diferença mais marcante entre as maneiras nas quais os homens filosofaram e as maneiras nas quais as mulheres filosofaram é evidente, respeitando os textos das filósofas pitagóricas. Enquanto os homens que filosofavam sobre ética tendiam a tentar construir teorias ideais, para uso em estados ideais ou mundos ideais, as mulheres pitagóricas estavam preocupadas com as aplicações da teoria ética predominante na vida cotidiana. (*Introduction to the series*, XX)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. (2019). Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, 24(1), 13-33. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v24i1p13-33>.

BRÉHIER, E. *Histoire de la Philosophie, Tome premier. L'Antiquité et le Moyen age*. Librairie Félix Alcan, Paris, 1928. Édition numérique complétée à Chicoutimi le 31 décembre 2005.

CREPALDI, C. L. Entre cães e cadelas: a Helena da Ilíada. *Nuntius Antiquus*, v. 8, p. 51-65, 2012.

HEATH, T. L. *A History of Greek Mathematics: From Thales to Euclid*. Oxford University Press, 1921.

WAITHE, M. E. (1987) *A history of women philosophers. Ancient women philosophers, 660 BC-500AD*. Vol. 1. The Netherlands: Published by Kluwer Academic Publishers, 1992.